

## CARTOGRAFIA DE UM DEVIR: O MOVIMENTO DE TORNAR-SE BIBLIOTECÁRIO APLICADOR DE BIBLIOTERAPIA<sup>1,2</sup>

Lucas Veras de Andrade

Professor das Séries Iniciais da Educação Básica - Secretaria Municipal de Educação de  
Teresina

Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Biblioteconomia e Ciência da Informação  
(GEPEBIC), da Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

lukkandrade18@hotmail.com

### Resumo

Este trabalho descreve o movimento de um Bacharel em Biblioteconomia na busca de constituir-se aplicador de biblioterapia. Na travessia são apresentados encontros com diferentes territórios existenciais, formativos e a relação deles nesta trajetória. Neste percurso, entrelaçam passado, futuro com pouso no presente. Rotas de uma viagem mediada pela poesia, literatura, memórias que constituem-se em mapas narrativos, mediante uma escrita inventiva. Que mais do que uma narração, constitui-se em uma estética de existência. Para isso, tem-se como base o método cartográfico proposto por Deleuze e Guattari (1995-1997). Desse modo, compreende-se que o movimento de tornar-se aplicador de biblioterapia nunca se encerra, permanece no meio. Não estagnado, mas no curso de um processo sempre desejoso por novas descobertas.

**Palavras-Chave:** Escrita Inventiva. Biblioterapia. Método Cartográfico. Aplicador de Biblioterapia.

### 1 OS PRIMEIROS CONTORNOS

Antes de iniciarmos os meandros de uma excursão labiríntica do ato de formar-se aplicador de biblioterapia, é necessário alertar que a escrita que segue não se demonstrará como uma fórmula passível de aplicação, manual instrucional em que se segue os comandos ou uma bula de remédio (Onde as informações de dosagem aos pacientes são certas em um contexto de indicação). Não! A leitura deste escrito não dotará você de uma formação. Mas certamente, lhe estimulará a reflexão. Pois a compreensão que orienta a prática e as aprendizagens aqui pretendidas embasa-se sob o olhar do método cartográfico.

E por ele, entende-se que os deslocamentos de vir a ser, tornar-se, o transformar-se não se fazem por aquisição teórica. O exercício de aprendizagem se faz via processo, pelo ato da corporificação (sentir, agir, criar, conhecer) e atravessamentos. Por essa diáde, busca-se convergir para uma “ativação do potencial de ser afetado para além de sua função sensível trivial, ativando uma dimensão de virtualidade que só se amplia à medida que é exercitada”

(POZANNA, 2013, p. 322). Em resumo, a formação se dá na experiência. O que não exclui a orientação pelo viés de uma teoria no movimento em sua gênese e na práxis constitutiva de ser e estar bibliotecário aplicador de biblioterapia.

Então para iniciarmos a incursão sobre o movimento proposto, convidamos você a um passeio na poesia. Que além de nos servir como fermento pulsante, serve como vitalidade para qualquer experiência. E aqui ajusta-se como sala de espera para nosso embarque, de modo, a demonstrar a primeira rota de nossa travessia. Porque antes de serem apenas palavras de um singular universo, se revela como exercício estético e artístico plurissemântico para aqueles que a degustam. Constituindo-se dessa maneira, nossa primeira pista para os futuros candidatos a aplicadores de biblioterapia. Assim temos, Carlos Drummond de Andrade em: *A incapacidade de ser verdadeiro*.

*Paulo tinha fama de mentiroso. Um dia chegou em casa, dizendo que vira no campo*

<sup>1</sup>Trabalho desenvolvido mediante reflexões do Grupo de Estudos e Pesquisas em Biblioteconomia e Ciência da Informação (GEPEBIC), da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

<sup>2</sup> Teve-se o consentimento e autorização para a utilização dos nomes dos professores citados no texto.

dois dragões da independência cuspiendo fogo e lendo fotonovelas. A mãe botou-o de castigo, mas na semana seguinte, ele veio contando que caíra no pátio da escola um pedaço de lua. Desta vez, Paulo não só ficou sem sobremesa, como foi proibido de jogar futebol durante quinze dias. Quando o menino voltou falando que todas as borboletas da Terra passaram pela chácara de Siá Elpídia e queriam formar um tapete voador para transportá-lo ao sétimo céu, a mãe decidiu levá-lo ao médico. Após o exame, o Dr. Epaminondas abanou a cabeça:

– Não há nada a fazer, Dona Colo. Este menino é mesmo um caso de poesia.

O Dr. Epaminondas provavelmente, teve como critério para o fechamento do diagnóstico, a exegese<sup>3</sup>. Há em seu diagnóstico uma análise poética. Talvez não compreensível pela mãe. O que confere a ela um “fingimento de normalidade<sup>4</sup>”. Mais decerto, o que acontece por trás de elementos ficcionais demonstrados no modo de ver o mundo por Paulo, nada mais são do que metáforas. Uma outra forma de reconhecer e reconhecer-se no mundo. Todo aplicador de biblioterapia deve desenvolver esse olhar. Em paralelo a Drummond, temos *Saudade de um tempo (in)existente*, de nossa autoria.

*Hoje senti saudade com o tempo! Sua cor era de um laranja incrível... Típico de um setembro do B-R-O – BRÓ<sup>5</sup>. Saudade de um tempo não sabido. Nada específico. Mas o momento floresceu em nós o sentir. Um sentir que aperta no peito... Que não tem hora marcada. Uma visita inesperada. Porém não inconveniente! Chega, se instala e pronto. O pensar era desfocalizado. Porém, o assunto era fixo: Equilíbrio - Assistia televisão. – Desliguei-a, precisava do silêncio! É bom ouvir o tempo em sua música, mesmo que a música ouvida seja a do tempo. É importante as vezes presenciá-lo, experienciar seus elementos. Sua natureza.*

*Essa sensação nos lembra que fazemos parte dele e ele da gente. Um ciclo que a cada novo dia se inicia... Com início, meio e fim. E tem a sutileza de ser infinito. Uma contradição do universo! Mais que não precisa de*

*explicação... Nem tudo pode ser dicionarizado. Tem coisas que existem no universo e que não cabem no Aurélio:*

*Sentir saudade com o tempo.*

*De nada específico.*

*Em setembro.*

*Em uma tarde alaranjada.*

*Com a dualidade musical do tempo.*

*Um tanto ininteligível, não?*

Por ela, buscamos exemplificar ao tempo que a intenção também é esclarecer, o sentido da experiência, criação, percepção, afetos, o movimento do sentir. Propriedades substanciais e aspectos fundamentais aos candidatos a aplicadores de biblioterapia. Nela, o saudoso não se separa do plano da criação. Pelo contrário, coengendra-se no plano da existência em que faz emergir percepções, até então imperceptíveis. Tornando o real e o imaginário, um contingente inesperado. De forma, a estabelecer relações fixas entre ele, seu sentimento, a natureza e o tempo. Um indivíduo corporificado que desliza no tempo, com finco no presente. Estabelecendo assim, uma ligação com o passado e uma convocação do futuro.

Conexão esta, que faz dele um sujeito desconfiado. Pois a medida em que está no tempo, se sente vazio. E isso, torna sua saudade algo inexistente no tempo e um desejo. Que à medida em que é ausente, é convocada. Assim, é presente, empreende atravessamentos. Uma saudade que se faz nele, ao tempo que ele se descobre nela. Um paralelo criado e um enlace visivelmente exposto.

Com a poesia de Drummond, a solução irreverente do médico ao escapar do previsível movimentada o pensar sobre a relação sujeito/mundo e o que é intrínseco a cada um. Já pensou se cada um de nós pudesse vislumbrar essa experiência: “borboletas da Terra passaram pela chácara de Siá Elpídia e queriam formar um tapete voador para transportá-lo ao sétimo céu<sup>6</sup>?”. Que maravilha! No entanto, geralmente só os poetizados têm essa capacidade de feitura

<sup>3</sup> Análise, explicação ou interpretação de uma obra feita de maneira cuidadosa. (Significado do Dicio - Dicionário Online de Português). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/exegese/>.

<sup>4</sup> Compreensão do autor.

<sup>5</sup> Classificação dos meses mais quentes do ano (setembro/outubro/novembro/dezembro) do povo Teresinense (PI).

<sup>6</sup> Sétimo Céu, expressão do Islamismo que significa paraíso.

imaginária. Nesse sentido, sinalizamos para o sutil olhar poético sobre as coisas. Aspecto tão essencial na prática da biblioterapia. Uma vez que se acredita que a linguagem inerente a essa tipologia textual preenche de luz uma visão cega, ao mesmo tempo que é catártica.

Já com a nossa poesia, sem nenhuma pretensão a mais, ao apontar uma sincronicidade entre o saudoso e sua saudade de forma atravessada, faz emergir a ideia de que o modo de se fazer existir não se separa da criação. E com isso, “A paisagem<sup>7</sup> transforma-se, embora não seja possível dizer quando começou a transformação. Somos seres da/na impermanência” (POZZANA, 2013, p. 327).

Impermanência no devir bibliotecário na atividade de biblioterapia também se faz uma pista valiosa no percurso. E é por meio da compreensão dela que a cartografia e a biblioterapia dialogam. Nesse vínculo, é fortalecido a ideia de que todo aplicador de biblioterapia é um cartógrafo. Porque mais do que uma terapia por livros, como usualmente a biblioterapia é apresentada, ela deve ser compreendida como uma prática terapêutica que tendo por base a linguagem (ideias, as palavras, a escuta, o ver), incita o leitor a refletir sobre o seu está no mundo, de situar-se com o mundo. Um processo subjetivo, que propõe aos indivíduos uma relação de si com narrativas literárias e outros modos da linguagem, um (re)conhecimento (auto)biográfico nesta dialética. Aqui o sentido biográfico não se dá somente em seu sentido semântico de escrita, mas também no ato imaginativo em que o indivíduo deve desenvolver ao relacionar-se com algum enredo. Nisso, ela tem no seu empirismo a caracterização de constituir-se no movimento e perseguir metamorfoses, alteridades. Assim, biblioterapia e o método cartográfico estão interseccionados ao passo em que o devir se estabelece na abertura do corpo ao coletivo de forças frente ao mundo, no mundo, para o mundo.

Dessa forma, mais uma vez fica claro que o caminho se faz na caminhada. Assim, objetiva-se descrever sob o movimento do método cartográfico proposto por Deleuze e Guattari (1995-1997), o movimento de tornar-se aplicador de biblioterapia do proponente desta escrita, que é bibliotecário. Configurando-se

assim, em uma rota de viagem. Nesse sentido, a seguir serão demonstrados os mais variados territórios existenciais que corroboraram e ainda contribuem para essa constituição. Bem como, as conexões entre eles, tendo como bússola a experiência acumulada no decorrer deste percurso e recortes de escritas, denominadas de mapas narrativos.

A escolha das escritas como guia, deu-se porque no movimento de constituir-se em muitos momentos, despretensiosamente escrevemos aspectos sobre nós (inquietações sobre escolhas, objetos de estudo, nosso academicismo) e recebemos narrativas pelo olhar do outro sobre nossos trabalhos. Aspectos que contribuem e ao (re)lmos colaboram para a consolidação e plasticidade de sermos quem somos enquanto profissional. Cabe ainda ressaltar que as referências para a escrita do texto como tal, embasam-se nas ideias de Silveira e Castro (2011) e Pozanna (2013).

## **2 EMBARCANDO NA VIAGEM, CARIMBANDO O PASSAPORTE: PRIMEIRA CONEXÃO, GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA**

A universidade neste percurso foi nossa primeira rede de conhecimento. E o que se agenciou neste território? A ideia inicial de Biblioteconomia, enquanto ingressante da graduação constituía-se em linhas rochosas. Que abarcava a classificação de um profissional rígido. Essa força endurecida do nosso pensar correspondia ao que se foi e é “institucionalizado” pelo senso comum. Porque quem nunca se deparou com o imaginário de que o bibliotecário é o profissional somente da biblioteca? Do silêncio? Das habilidades técnicas e focais? Porém, pensar e estar na universidade requer do alunado uma postura nômade no que diz a seus pensamentos sobre os saberes a serem construídos.

É necessário estar sempre atento e preparado para um complexo transversal e transcendente de cortes e recortes de forças, fluxos do conhecimento. Para com isso, escapar da homogeneização e intimar uma construção contínua. No entanto, ainda paira na universidade um modelo cartesiano e tradicional de formação (dando como

<sup>7</sup> A paisagem no contexto da poesia de nossa autoria é o próprio indivíduo. Modificado pelo saudosismo

que o atravessa. O que gera nele ressonâncias externadas, no entanto, inexplicáveis.

exemplo, a formação de profissões de caráter empíricas, como é o campo das ciências sociais aplicadas). Uma pedagogia em que docente e discente se ligam ao saber diante do que está exposto, que prende os indivíduos apenas para a manutenção e a mera reprodução. Mas, existem outros modos de se formar. Quem persiste na ideia do pragmatismo tradicional sobre o bibliotecário, seja o leigo, o acadêmico ou mesmo o profissional sempre enxergará a profissão sob a óptica do desconhecimento. Das relações subjetivas da espantosa indagação: Biblio o que? E se assim persistem, os dois últimos citados, certamente desenvolverão o *know how*<sup>8</sup> da profissão, mas não uma compreensão do ser bibliotecário.

Sendo assim, já no início caminhamos em constante tensionamento entre as certezas (o aprisionamento imaginário para com os especialistas) e as (des)aprendizagens (posicionamento que enfatiza o agenciamento, transversalizar-se diante do conhecimento posto). Dessa forma, segundo Dias (2011, p.3) “Para cultivar paradoxalmente aprender e desaprender no agenciamento coletivo [...], é necessário animar uma experiência ensaiada em devir na linha do encontro”. Assim, logo nos primeiros meses de aula já encaminhávamos para nossa heterogênesse. Noção desenvolvida por Guattari (1992, p.69) que significa “abertura para processos irreversíveis de diferenciação necessários e singularizantes”. Ou seja, uma noção desterritorizante que indica várias formas de existência. E na formação acadêmica um indicativo para sermos outros de nós mesmos enquanto estudantes.

Nossa linha de encontro e o paradoxo que acima pontuamos deu-se com tema livro. Objeto que perpassa por toda nossa trajetória formativa, mas que nesse começo já se demonstrou bem instigante. A aula era de Introdução à Biblioteconomia, mediada pela Professora Mônica Cordulina da Silva. Hoje Bibliotecária da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (CE). O tema era polêmico, falava-se sobre a morte do livro em função do formato eletrônico, *ebook*. Será? Assim, encontramos um posicionamento nosso em registro da disciplina: “Creio que seja um mentira

inventada. Ambos podem conviver de forma harmônica. Pois esse é o curso do mundo. Avançar, remodelar-se as necessidades que se impõem”. (28.04.2008, Mapa Narrativo 1, retirado de trabalho acadêmico para a disciplina).

Embora breve e com pouco conteúdo crítico argumentativo, já demonstrávamos a capacidade de plasticidade e, acima de tudo, adaptação. Característica hoje enfatizada na formação do bibliotecário, porém na época ainda bem tímida. Nessa discussão também tivemos o privilégio de nos encontrarmos com aquele que seria nossa primeira referência na área. E que provocaria em nós um sentimento de combinação. Nos permitiu a possibilidade de conjugarmos-nos a ele. E nesse encontro, a contingência de tornarmos-nos em um novo mapa. Porque suas palavras no embasamento do discurso acima, ratificavam o nosso pensar enquanto contorno aberto. Quem foi ele? O mestre, Edson Nery da Fonseca. Que em reflexão em relação à morte do livro, no prefácio da segunda edição de sua obra intitulada: Introdução à Biblioteconomia, traz o seguinte pensamento:

Noto que ocorre presentemente uma espécie de delírio informatizante, que pode ser diagnosticado nos que proclamam o *fim do livro*, impressionados com bancos de dados interativos, sistemas informatizados de hipertextos, minidiscos a laser, ondas eletromagnéticas e fibras óticas.

O que parece estar havendo entre os defensores da mídia eletrônica é um simplismo muito comum entre os especialistas. Falta-lhes a visão holística da realidade, pois estão prejudicados por uma especialização à outrance. Vêm tudo fragmentariamente com antolhos unidisciplinares. Pois como já mostrou o poeta e jornalista Nelson Ascher, eletrônica e escrita não são excludentes, mas complementares.

Com o mesmo simplismo, alguns profetas anunciaram a morte do teatro quando surgiu o cinema e o fim do cinema com o advento da televisão. Entretanto, o teatro – inclusive o grego e o elisabetano – está muito vivo e o cinema, em vez de substituir o teatro, encarrega de sua difusão, da mesma maneira que a televisão exhibe os clássicos do cinema e o DVD, permite-nos ver tudo isso em nossas

<sup>8</sup> Termo em inglês que significa, o saber empírico. Ou seja, o conjunto de conhecimentos práticos.

Neste contexto, enfatiza o conjunto de saberes da profissão bibliotecária.



casas, além de óperas, concertos e grandes espetáculos de balé.

[E finaliza] [...] os pregoeiros da morte do livro estão atribuindo-a à mídia eletrônica. Esta entretanto, convive tranquilamente com o livro [...] (FONSECA, 2007, p. xvi-xvii, grifo nosso).

Estávamos certos do convívio entre os formatos e no refutamento dessa ideia simplória até hoje circulante. E a resposta aos anunciantes do fim do livro, “mata-o” quem propaga essa falácia. Mas certo que temos limitações. Hoje não nos detemos a refletir a sobre a morte do livro. Por exemplo, a tiragem em unidades de milhões e em vários idiomas da Saga *Harry Potter* entre outros grandes sucessos do século XXI, faz cair por terra esse mal presságio. Atualmente a ideia que renovamos é sobre o pensar criativo. Aqui específico o literário, pois a cada tempo que passa, percebemos uma baixa na qualidade do conteúdo artístico/estético/literário nas obras.

O que também não mata o livro impresso, mas certamente reduz a criação. E porque não mencionar a questão do leitor e da leitura? Apesar de dados que contradizem que as pessoas leem menos (GULLAR, 2006). Não se provoca a formação de novos leitores, pois acreditamos que as vendagens e tiragens excessivas de determinados livros só repercutem naqueles que já são leitores destas obras (quando estas obras têm o caráter de continuação). Ou seja, são sempre os mesmos. Isso acontece com a literatura brasileira. Que não se renova e não apresenta obras de grande repercussão. Estagnando-se no século XX, com destaque para - Viva o povo brasileiro, de João Ubaldo Ribeiro. Mas são reflexões para outra escrita.

E assim caminhamos, de modo a encontrarmos-nos no meio do curso de Biblioteconomia com a disciplina de Psicologia Organizacional. Uma das poucas fora do âmbito do tecnicismo pragmático da formação bibliotecária. O que não representa o atual contexto do Curso de Biblioteconomia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

Por ela, sinalizamos o que Fonseca já trazia há muito tempo na sua escrita, que por nós passou despercebido no contexto em que refletíamos a morte do livro. Mas que nos (re)encontramos sob o viés de um percurso rizomático para a escrita desta proposta, que é

a necessidade de a Biblioteconomia dialogar com outras áreas de conhecimento.

Não posso entretanto, deixar de exprimir o que penso diante da pós-modernidade biblioteconômica que estamos vivendo neste alvorecer do século XXI. Sempre lutei sobre os especialistas fechados em suas especializações, defendendo uma interdisciplinaridade que acabou se impondo aos estudiosos de todas as áreas do conhecimento científico, tecnológico e humanístico.

Quando pesquisadores esclarecidos informavam que elementos já existentes em meados do século passados permitiam prever o advento de uma rede mundial de computadores, ainda havia entre nós quem afirmasse – parafraseando conhecida *boutade* de Lenin – ser o interesse pelas máquinas ‘doença infantil da biblioteconomia’. Faltou quem respondesse ao antiquado bibliotecário que ‘doença infantil’ é o receio de outras especializações da nossa’. (FONSECA, 2007, xv, grifo do autor).

Apesar de sermos embrião de uma formação que nos (en)caminhava para a técnica, a disciplina mencionada nos despertou para que nós a fizéssemos sob o viés de outras doenças. Para além das típicas do campo da biblioteconomia, como bem aponta Fonseca. Neste momento, mesmo sem cursar Estudo do Usuário, disciplina dos últimos períodos de graduação, já buscávamos dialogá-la com a Psicologia Organizacional. A primeira na época era o que funciona hoje no *facebook* como um *hashtag*. Uma pauta das conversas informais mais discutidas com os colegas dos períodos a frente do nosso, nos momentos de intervalo de aulas.

Pelos estudos e mediações via autores e professor da Psicologia Organizacional, ao tempo em que mergulhávamos no estudo da Psicologia, no sentido de refletir estratégias voltadas para a identificação e resolução de conflitos nas organizações. Timidamente, emergia a ideia de conectar essas aprendizagens ao usuário. O que era um pensar receoso e inseguro na época.

Hoje com as leituras que temos, torna-se uma certeza. É uma relação necessária para área da Biblioteconomia. Não tem como no processo formativo, o estudante eximir-se de estabelecer este vínculo. Porque antes de pensar numa intervenção com aplicação de metodologias científicas em um nível de

gestão, como bem aprendemos na Psicologia Organizacional, conectá-la à Biblioteconomia e especificamente ao estudo do usuário, é pensar nas relações interpessoais. E acima de tudo, no estudo do comportamento humano com foco nas organizações.

E por não termos receio de caminhar por outras especializações, além do “mundo unidisciplinar” da qual nos comprometemos nos formar. É que tivemos como tema de defesa final de graduação, a saúde do bibliotecário. Uma possível decepção para alguns. Porque fugíamos do esperado, do previsível. Talvez a banca avaliadora e em específico a professora do mapa a seguir, que era de Catalogação (por externarmos uma simpatia à primeira vista por esta disciplina), esperassem a invenção de um novo código, que é para nós uma grande pretensão. Assim, esta professora se pronunciou em arguição avaliativa:

É preciso muito cuidado. A ousadia pode trazer a impressão de pretensão e falta de humildade. Não é o seu caso porque lhe conheço. É muito difícil fazer um trabalho como esse sem passar ileso por algum deslize. O que infelizmente aconteceu em alguns momentos. Entretanto, não posso deixá-lo de elogiar sua coragem, o cuidado com o português, o bom senso na maioria das suas inferências. Parabéns pelo bom trabalho e torcer para que faça um trabalho mais amplo, com o acompanhamento de um profissional especializado para te ajudar com as argumentações necessárias. (Mapa Narrativo 2, Escrita dada a nós pela professora ao final da defesa, 9 de Janeiro, 2012).

Não observamos crítica com ela, mas apenas um alerta com alguns deslizos. O que é compreensível nesse momento. Porque para muitos é o primeiro encontro com a pesquisa. Correspondendo também, momento de muita imaturidade em muitos aspectos. Mas na

escrita havia certamente, o incentivo de continuarmos no estudo. O que fizemos. Com ele, resultaram dois artigos publicados em periódicos da área da Ciência da Informação e Biblioteconomia, respectivamente nos anos de 2014<sup>9</sup> e 2015<sup>10</sup>. Constituindo-se assim, nas poucas referências nos temas: Estresse Ocupacional e *Burnout* em profissionais da informação. Aqui, não nos colocamos e nem nos fizemos no bibliotecário astuto que Fonseca convoca na sua provocação, quando chama atenção para a necessidade de interdisciplinaridade no prefácio já apresentado. Entendemos este percurso apenas com uma rota de fuga, um rizoma<sup>11</sup> em nossa formação.

Pronto para sermos bibliotecário atuante em biblioterapia? Não! Talvez neste momento não estivéssemos nem pela metade de sermos um bibliotecário. Mas provavelmente, todo esse processo de atravessamentos, estudo sobre saúde e nossa audácia, tenha nos conferido pré-requisitos para o próximo pouso e conexão.

### **3 TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS EM ENCRUZILHADA: TRANSVERSALIZAÇÃO INICIAL E O ENCONTRO COM O TEMA DA BIBLIOTERAPIA**

Aqui pontuamos o ensaio de nos (re)construirmos frente uma encruzilhada. Um agenciamento coletivo que rabiscou em nós uma linha de fuga, uma possibilidade latente. Que constitui-se na atualidade um território existencial composto de forças molares e moleculares que atravessam nosso fazer. Cabe esclarecer que as forças nas quais nos referimos, constitui a matéria que se conecta ao plano da essência que compõe “o “meio” em que tudo se dá – dimensão dos fluxos, segmentos, rupturas e conexões” (ROMAGNOLI, 2009, p. 170). O cenário eram as temidas defesas de trabalhos de

realidade cartografada se apresenta como mapa móvel, de tal maneira que tudo aquilo que tem aparência de “o mesmo” não passa de um concentrado de significação, de saber e de poder, que pode por vezes ter a pretensão ilegítima de ser centro de organização do rizoma. Entretanto, o rizoma não tem centro. (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2015, p. 10).

<sup>9</sup> Ver:

<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/14130>.

<sup>10</sup> Ver:

<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/917>.

<sup>11</sup> [...] não há um único sentido para a sua experimentação nem uma mesma entrada. São múltiplas as entradas em uma cartografia. A

conclusão de curso ao final da graduação. Nela, nossa experiência com o assunto saúde era conjugado a de dois jovens candidatos a bibliotecários em seus trabalhos. Estávamos na condição de avaliador. O tema era biblioterapia. Desconhecíamos referências, não tínhamos leituras no tema, nem prática na condição apresentada. Mas víamos com o convite da professora presidente da banca, a oportunidade e possibilidade de aprendizagens.

Na avaliação dos trabalhos, a citar as discussões: um refletia o portar-se do profissional no processo biblioterapêutico e o outro as ressonâncias da prática em enfermos de patologia distintas. Percebemos que nos detivemos aos fluxos presos ao código escrito. Apresentar deslizes no português, minimizando um pensar mais reflexivo sobre o conteúdo. Encarceramos a possibilidade do encontro de novos significados. Reduzimos com isso, uma composição com vista a imanência. Esquecemos que é também função da universidade a provocação para a complexidade. Centramo-nos na avaliação quase que exclusivamente no fazer bibliotecário prático, aspectos técnicos como: estruturação organizacional do trabalho acadêmico. Ou seja, nas doenças biblioteconômicas já mencionadas.

Aqui descrevo nossa intenção de ser perdoado. E de antemão, minhas sinceras desculpas aos autores dos trabalhos que analisamos. Em reflexão para esta escrita, percebemos uma postura e visão na ocasião muito convergente com o paradigma objetivo de fazer ciência. Talvez uma rasura em nosso processo cognitivo neste percurso formativo. Demonstramo-nos presos a aspectos isolados um tanto necessários, porém não essenciais. Mas, totalmente compreensível. Nossa inexperiência tornava a postura descrita algo previsível.

Enunciar discursos naquele momento sobre o tema biblioterapia poderia causar a sensação de vazio. Um vazio existente em nós pelas motivações já apresentadas. E talvez tenha sido essa a impressão ficada. Infelizmente, as pinturas riquíssimas (trabalhos) em exposição naquele momento (banca avaliativa), talvez estivessem sob o olhar artístico de quem apreciaria melhor a forma escultura naquela circunstância. E que pousava alí pela compreensão de saúde. E que apesar de dialogável, não se constituiu naquele instante

num plano visível de expansão. Mas certamente de atravessamentos. Em (re)leitura destes trabalhos para a escrita deste tópico, o que nos vêm a mente é:

Traziam concepções de mundo acerca do tema em nível de problematização crítica, articulando diversos saberes, inclusive produziram conhecimento não constituídos sob a óptica da ciência, como atravessamentos, percepções, sensações. O que garantiria uma discussão avaliativa a ponto de refletirmos uma possibilidade de revisão do já produzido. (**Mapa Narrativo 3, Escrita estabelecida na leitura dos trabalhos mencionados no constructo deste tópico – 9 de outubro de 2017**).

Hoje somos conscientes da diversidade de aspectos que foram silenciados em nossa avaliação. Uma multiplicidade de processos que poderiam ter sido produzidos. Entretanto:

Tudo o que existe é produzido tanto para o novo – inventivo, como para o que já foi produzido e para impedir a produção. Somos produção, reprodução e antiprodução, acontecimentos conjugados simultaneamente nas relações (ANDRADE; ROMAGNOLI, 2010, p. 609).

Relacionamos a citação acima, com a noção de inconsciente proposto pela esquizoanálise. Ela afirma que esta opera como uma máquina de produção (MARTINES, MACHADO & COLVERO, 2013). Compreende-se dessa forma, que o inconsciente atravessa os sujeitos de diversas formas: no social, no presente, nas suas relações, nos diversos territórios. E por esta experiência fomos arrebatados por todas as circunstâncias citadas. Apesar de as palavras neste dia terem sido inutilizadas, impendido forças molares de agir para um heterogênese coletiva, hoje experimentamos na matéria produzida uma sensação de poder. Poder, não no sentido da posse autoritária de algo, mas de apropriação, de influência. Apesar de aqui apresentarmos como mapa narrativo, a escrita que confere o nosso pensar apenas no contexto atual sobre as ressonâncias em nós, ainda na ocasião da apresentação, já sentíamos a sensação de avesso. Um tipo de conexão que nos interseccionava com aquele conteúdo exposto.

[...] essa é a dinâmica dos processos de subjetivação. Os deslocamentos da

subjetividade se dão a partir do “fora”, portador de forças estranhas que pedem uma decifração ao desestabilizar o território existencial conhecido. Essas forças, quando entram em contato com a subjetividade, aumentam a impressão de estranheza do mundo e conduzem a rupturas de sentido. (ROMAGNOLI, 2009, p. 170).

Havia ali além da necessidade de conhecimento, uma afetação para a aprendizagem. Com o convite da professora e a apreciação dos trabalhos dos já colegas de profissão atualmente, fomos convocados a habitar novas formas do nosso eu: profissional e acadêmico. Com essa sensação, também descortinou-se o entendimento dos agenciamentos maquínicos<sup>12</sup>. Clarificava-se a ideia de interiorização e recomposição de percepções e sugestões coletivas (DOREA, 2002). Não sabemos ao certo nossas contribuições sobre os estudantes e hoje bibliotecários em função da avaliação feita. No entanto, nascia daquele encontro o desejo, uma marca que rompia em nós os sentidos já conhecidos em Biblioteconomia (territórios vigentes), de modo, a buscar outros impensáveis.

Foi desse encontro que surgiu a ideia desta proposta de escrita, porque em nós aquelas bancas não se constituíram apenas em uma avaliação. Produziria relações que hoje estão aqui mapeadas. Nascia também um cartógrafo inconsciente, desconhecedor das ideias de Deleuze e Guattari. Mas que certamente já interpretava que imergir no território da biblioterapia constituía rastrear linhas de força. Mergulhar em/nos afetos das relações, acompanhar processos. Desenhar um traçado que se pretende singular. Aqui nos fazíamos ideia e tomávamos corpo com nossas primeiras leituras, Caldin (2009) - nossa primeira referência. Porém, nem só de palavras se sustenta uma noção, era chegada a hora de praticar.

#### 4 BIBLIOTERAPIA, UM CORPO QUE NASCE DOS ACONTECIMENTOS: UMA

<sup>12</sup> É um estado de mistura de corpos em uma sociedade, compreendendo todas as atrações e repulsões, as simpatias e as antipatias, as alterações, as alianças, as penetrações e expansões que afetam os corpos de todos os tipos, uns em relação aos outros. Ver: Deleuze & Guattari, Mil Platôs, vol.II, São Paulo: ed. 34, 2007.

#### CRIANÇA, UM LIVRO E UM SORRISO TÍMIDO EM CONTORNO DE (U)<sup>13</sup>

Neste tópico retomamos a ideia de imprevisibilidade apresentada em nossa poesia ao iniciarmos esta viagem com a seguinte frase: “*Que não tem hora marcada. Uma visita inesperada. Porém não inconveniente! Chega, se instala e pronto*”. Assim chegou nossa experiência empírica com a biblioterapia. O enredo - uma paciente oncológica infantil já bem fragilizada. O câncer encontrava-se já metastático. Fomos convidados a fazer parte dessa história por meio de uma conhecida da família e integrarmos ao trabalho de uma psicóloga que fazia atendimento domiciliar.

Apesar de não inconveniente, era de natureza complexa. Porém à medida em que a ideia se instalou em nosso imaginário, tornou-se um desafio. A menina que aqui será denominada de Anjo, tinha 11 anos e um semblante endurecido pelas dores. Da sua residência emergia uma impressão binária coletiva de vida e morte. Algo pesado até mesmo para os fisiculturistas mais experientes e acostumados com as cargas mais consistentes. Havia a necessidade de (re)construção que demandava cuidado com as linhas e marcas daquela família e de nosso anjo que se emaranhavam-se numa única trama.

Apesar de endurecida, a menina se manifestou de forma acessível frente à proposta de intervenção. Talvez uma linha de escape ou rota de fuga daquele universo escuro e tristonho vivido e sentido. Era necessário entender que necessidades havia em anjo. Uma adaptação do baralho das emoções<sup>14</sup> foi crucial neste momento. Por ele, a psicóloga captou as sensações e as forças circulantes. Onde estas estavam voltadas para saudade, tristeza e sofrimento. Sentimentos previsíveis para aquela situação.

Depois da identificação das cristalizações daquele território, percebemos a necessidade de potencializarmos a vida. Já que Anjo parecia dissolver-se na ideia de sentimentos negativos, inclusive a morte. Ao tempo que a psicóloga insistia nas emoções, procurávamos

<sup>13</sup> (U) – No contexto, sinaliza o contorno da boca ao sorrir.

<sup>14</sup> Dispositivo lúdico da área da psicologia, para acesso às emoções infantis.



na mente um enredo que atravessasse sua história. Narrativa essa, que descortinou-se por sugestão da própria interlocutora em conversa informal, ao demonstrar um certo encantamento por uma das histórias mais enigmáticas de todos os tempos: *Alice no País das Maravilhas*. Um diálogo perfeito e correspondente a nossa proposta: “A história da menina que vive aventuras em uma viagem imaginária surpreendente em um lugar inusitado e com gente estranha [...]” (BASEIO, 2013, não paginado). E nisso, já se apontou o primeiro princípio da biblioterapia e facilitador de todo o processo: a identificação. Que segundo Caldin (2009) simboliza a afetividade e envolvimento com um enredo ou personagem.

Cabe destacar que o trabalho pretendido inicialmente vinculava-se para o desenvolvimento de atividades pedagógicas. Já que Anjo estava há mais de um ano sem frequentar a escola e já demonstrava esquecer suas aprendizagens. Nesse caminhar, a biblioterapia não era uma opção de atuação (Porque além de bibliotecário somos professor das séries iniciais). Foi nas atividades em curso que nos apareceu o *insight* do tema das bancas demonstradas no tópico anterior, porque não víamos pelas atividades escolares algo que despertasse prazer e interesse. Portanto, desnecessário naquele momento.

Foi por esta óptica que lembramos da biblioterapia como dispositivo de intervenção. Já que lembramos que na aproximação inicial, como forma de se quebrar o gelo, em conversa informal já demonstrada, houve o apontamento da leitura (filmes e livros) como algo de prazer. E nesse instante, claramente se observou liberação das emoções com enlace ao tema leitura. Ou seja, a provocação de uma catarse. O sorriso que era rígido, logo ganhou contornos de (u), embora tímido. E portanto, a aproximação necessária para que um programa de biblioterapia fosse efetivado.

No entanto, era necessário refletir o manejo do processo. Era preciso pensar um modo de trabalho que estabelecesse o diálogo entre as personagens (Anjo e *Alice*). Além de levar em consideração a condição da menina - sempre deitada. Optou-se inicialmente pela leitura individual (por iniciativa de Anjo), abortada logo após de alguns encontros pelo desconforto trazido. Já que ler para ela demandava esforço, em virtude de querer sentar-se. Posição que fazia aumentar suas

dores, em função da região afetada pelo câncer ser a pélvica.

Em virtude disso, mudou-se para a contação. O que também não funcionou em muitos momentos. Ora observava-se uma grande desatenção e em outros as contações eram interrompidas, em consequência do próprio cotidiano da doença (hospital, internações, quimioterapia, enjos). Entre erros, acertou-se com a produção cinematográfica, veículo de atuação rápida. Unindo-se a ele também, a produção de grafismo (Anjo adorava), embora o traçado fosse rico em detalhes e ausente de colorido, mesmo na possibilidade de dar-lhes cores. Ainda pelo caminhar das contações, dois desenhos foram gerados em função delas. No primeiro, ainda no passo de diagnosticar sobre o que trabalharíamos, Anjo desenhou-se dando uma projeção real de sua doença (abatida, careca). Inclusive, abordando o tumor tal qual como estava alocado na região pélvica. Cuja inferência denotava traços subjetivos negativos ao que compete à doença.

Diferente do segundo com a contação em curso. Onde Anjo no traçado, mesmo apresentado características de um contexto de doença (se desenhou deitada), a menina se introjeta na personagem *Alice* numa perspectiva imaginária. Em depoimento da mesma, ela aponta se desenhar a pensar no coelho. Assemelhando-se ao comportamento da personagem na passagem do seguinte trecho:

Alice estava começando a se sentir cansada de ficar sentada ao lado de sua irmã e não ter nada para fazer: vez ou outra ela dava uma olhadinha no livro que a irmã lia, mas não havia figuras ou diálogos nele e *para que serve um livro*, pensou Alice, *sem figuras e diálogos?*

Então, ela pensava consigo mesma (tão bem quanto era possível naquele dia quente que a deixava sonolenta e sem ânimo) se o prazer de fazer um colar de margaridas era mais forte do que o esforço de levantar e colher as margaridas...quando subitamente um Coelho Branco com olhos cor-de-rosa passou correndo perto dela [...] (CARROLL, 2014, p.7, Grifo do autor).

Pelo grafismo, a compreensão apreendida era de desfocalização (em algum momento da sua rotina) e entrega ao processo. Já que ao perguntarmos quem seria no desenho (Anjo ou

*Alice*), Anjo afirmou ser ela. Cabe ressaltar que não se sabe em que momento ocorreu a desfocalização. Uma vez que o desenho nos foi entregue e elaborado sem uma obrigatoriedade de feitura e postumamente à contação deste trecho.

Apesar de neste momento, o trabalho com Anjo ter sido desenvolvido através de trechos da obra, enquanto executores da biblioterapia era necessário uma apropriação da obra literária. Assim como, da obra de mesmo nome na cinematografia. Pois já surgia a ideia de inserção da mesma na metodologia do trabalho, em função de já ter acontecido no percurso muitas paradas e retomadas do processo.

Com o uso do filme, as discussões tomaram um cunho mais complexo. O diálogo dos enredos se tornou mais difícil. Porém, mais intimista. Pois com ele, Anjo até então direcionada em suas ações por *Alice* de Lewis Carroll, assume o protagonismo em ser a roteirista do percurso de intervenção. No entanto, o estudo das obras em profundidade por nós e (psicóloga) mesmo no escapismo do roteiro original nos dotou de embasamento para permanecer sobre a rota da personagem *Alice*. Só que sob a ótica da adaptação de Tim Burton<sup>15</sup> daqui para frente, uma vez que assim como anjo, naquele momento *Alice* em sua aventura de ida ao país das maravilhas, também se mostrava cheia de questionamentos e insatisfações nessa aventura. A partir deste momento, a biblioterapia apresentou-se como denominamos este tópico: Um corpo que nasce dos acontecimentos.

Dessa forma, a demanda inicial após esta etapa foi o grande desafio de reação de Anjo frente seu adoecimento. Ela já não se alimentava normalmente e havia por parte dela pouca ingestão de líquidos. Aspecto este, que fez em uma fase de nossa intervenção com que seus rins parassem de funcionar. Anjo se questionava muito o porquê de estar doente, o porquê com ela? Após termos assistido juntos o filme, o diálogo estabelecido com sua história, foi que *Alice* ao entrar no país das maravilhas também se encontra em mesmo questionamento.

*Alice* de Tim Burton vive a situação insólita apresentada por *Absolém* (lagarta) de ser a

salvadora daquele mundo. Que estava sob os caprichos da Rainha Vermelha. Isto pode ser visto por meio do compêndio (o calendário do mundo subterrâneo). No entanto, para isso era preciso que a personagem matasse o *Jaguadarte*. Ao se ver no calendário movente, aquela situação a deixou com a sensação de medo, dúvidas. Não havia um autorreconhecimento naquela ação pretendida. Não observamos também o reconhecer-se diante da doença por Anjo.

No entanto, por esta situação apresentada por Tim Burton, coube sinalizar a Anjo que nem sempre as situações são controláveis. O que se precisa é ser forte para seu enfrentamento. E a resolução pode ser simples. Este aspecto foi apresentado via *Alice* em lembranças. No filme, ela revive a época em que esteve no país das maravilhas pela primeira vez. Na situação mostrava a Rainha vermelha que ao invés de cortar a cabeça de seus súditos, determinados conflitos poderiam ser resolvidos de forma mais amistosa. Ela mostrava que flores brancas facilmente poderiam se tornar em vermelhas, caso assim desejássemos. Bastava pintá-las.

Com isso, Anjo ao introjetar-se na personagem foi se restabelecendo na medida do possível. Inferindo com isso, o princípio biblioterapêutico da introspecção. Que segundo Caldin (2009) condiz com uma mudança comportamental frente aos desafios, um sentir-se melhor em relação às emoções. São memoráveis as vezes em que chegamos a sua residência e de imediato ela falava o que tinha feito, de modo, a melhorar sua saúde. Ríamos quando dizia beber água de coco, mesmo sem gostar (fazendo caretas e barulhos – agrrrrr). Assim, essa é a lembrança que se constitui presente em nossa mente. Pois este, foi nosso último encontro. Sorrisos, afetos e uma experiência com toque de aventura. Nossa protagonista viraria Anjo a partir dali (faleceu). Enquanto aplicador de biblioterapia, nesta intervenção fomos pegos ao acaso por três vezes. A primeira quando fomos convocados para esta experiência. A segunda quando Anjo ao se perceber protagonista, direciona as discussões de nossa intervenção. E por último, com o aspecto da sua morte. Pois

<sup>15</sup> Cineasta norte-americano que adaptou a obra *Alice no país das maravilhas* para o cinema no ano de 2010.

esse não era o desfecho almejado para nosso enredo, embora este aspecto fosse iminente.

Então com isso, na biblioterapia conclui-se que “não é possível prever o que se vai encontrar, aliás, não se pode prever nem se haverá algo a encontrar, pois muitas vezes esperamos para entrar nos labirintos [...] e ele não vem [...]” (SILVERA; CASTRO, 2011, p. 94).

E diferente de *Alice* que em situações assim fica “sonolenta e sem ânimo” [...]. O aplicador de biblioterapia numa perspectiva cartográfica deve se manter sempre concentrado embora desfocado na perspectiva de quatro variedades atencionais: rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento<sup>16</sup>. E é tomando o lugar da *Alice*, personagem a correr atrás do coelho e cair em sua toca que deslizamos para o interior da aventura na qual se realiza a seguir.

## 5 GEPEBIC E UMA IDENTIDADE (DES)COBERTA: A EMERGÊNCIA DE UM PESQUISADOR EM BIBLIOTERAPIA

A lagarta e Alice se entreolharam por algum tempo em silêncio. Por fim, a lagarta tirou o narguilé da boca, e dirigiu-se à menina com uma voz lânguida, sonolenta.

“Quem é você?”, perguntou a lagarta.

Não era uma maneira encorajadora de iniciar uma conversa. Alice retrucou, bastante tímida: “Eu...eu...eu não sei muito bem, Senhora, no presente momento – pelo menos eu sei quem eu era quando levantei esta manhã, mas acho que tenho mudado muitas vezes desde então”.

“o que você quer dizer com isso?”, perguntou a lagarta severamente. “Explique-se!”

“Eu mesma não posso explicar, eu receio, Senhora”, respondeu Alice, “porque eu não sou eu a mesma, vê?”.

“Eu não vejo”, retomou a lagarta.

“Eu receio que não posso colocar isso mais claramente”, Alice replicou polidamente, “porque eu mesma não consigo entender, para começo de conversa, e ter tantos tamanhos diferentes em um só dia, é muito confuso.” (CARROLL, 2014, p. 37-38, grifos do autor).

Aqui apresento o Grupo de Estudos em Biblioteconomia e Ciência da Informação (GEPEBIC)<sup>17</sup>, pertencente ao curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) na condição da Lagarta. Obviamente sem o narguilé e muito mais amigável ao buscar nos conhecer enquanto integrante. E assim como a lagarta convoca uma identificação a *Alice*, a lagarta GEPEBIC em meados da metade de 2017, solicita nossa credencial: Quem somos? A que viemos?

Fomos convidados por uma outra integrante e também professora da graduação em Biblioteconomia da universidade citada, Débora Araújo Machado. No entanto, nossa experiência em pesquisa resumia-se ao percurso descrito nas linhas acima. O grupo era novo, já tinha outros integrantes com pesquisas em curso e temas de discussão bem definidos: os processos da produção, da organização e da difusão do conhecimento científico e tecnológico e sua dinâmica nos contextos sociais políticos, econômicos e culturais. Temas tão amplos que naquele momento não sabíamos definir qual seria nosso escopo de estudo. Estávamos como *Alice*. Com receio de nos colocarmos claramente diante da identidade da Lagarta GEPEBIC.

Com isso, embarcamos nas discussões teóricas quinzenais sob o comando do líder do grupo e Professor Mestre, Mirleno Livio Monteiro de Jesus. Nisso, por duas vezes fomos convocados a estar à frente das discussões. E foi por estas oportunidades que

<sup>16</sup> São quatro as noções da atenção no método cartográfico. Estas tem embasamento em Freud, Bergson e a pragmática fenomenológica. Na noção de rasterio, visa-se uma espécie de meta ou alvo móvel. O toque aciona em primeira mão o processo de seleção. Na pouso, indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de zoom. E por fim, na reconhecimento atento, há uma recondução ao objeto para destacar seus contornos singulares. **Ver:** PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pista do Método da**

**Cartografia:** Pesquisa-Intervenção e Produção de Subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

<sup>17</sup> Grupo certificado em 2015 pelo Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil LATTES, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1062236174272128>.

nos descortinamos pesquisador da temática foco desta escrita. Mas cabe destacar que foi na primeira, onde nos delimitamos nesta temática. Nela pediu-se a exposição dos trabalhos já elaborados por nós. Principalmente no que competia ao referencial metodológico deles. Víamos na ocasião a oportunidade de fazermos algo novo. E tínhamos na experiência do tópico anterior a convicção de algo marcante. E porque não dizer inovador para nosso contexto de inserção. Com ela já engatávamos uma narrativa, de modo a dar corpo a um relato de experiência, marcado por nossas memórias e vivências. Uma ficção a lançar-se com a finalidade de narrar fragmentos de um modo de fazer/escrever biblioterapia. E assim, pedimos a oportunidade de amostragem de um recorte dos dados.

Nascia com isso, o desejo de travessia pela biblioterapia e atuar junto dela, com ela. Mas ao lado dessa vontade, se percebia a responsabilidade de ser pesquisador e aplicador de biblioterapia. Pois fora a experiência narrada neste escrito relacionada ao tema, só havíamos experimentado a condição de leitor de pesquisas. E a troca de papéis ressoava estranho aos nossos sentidos. No entanto, com os dados apresentados tivemos uma plateia satisfeita ao visto. Vinculando depois disso, mais uma linha de pesquisa ao eixo dos temas do grupo: Literatura, Leitura e Biblioterapia. No qual hoje estamos vinculados e unidos a outros três integrantes. Assim, começamos a fazer leituras mais direcionadas ao tema. Somando-se assim a Caldin (2009), os estudos de Hasse (2004), Caldin (2010), Seixas (2013) quando se fala em autores brasileiros. E em nível internacional, Ouaknin (1996) e Berthoud e Elderkin (2017). O que não se limita e não se esgota.

Enquanto que a primeira oportunidade fazia surgir nossa identidade na pesquisa. Foi na segunda em que nos deparamos com um impasse diante da natureza do objeto da biblioterapia. Ou seja, a subjetividade. Era preciso uma adequação da natureza que tem a subjetividade, a exigência de um método de pesquisa. Nesta ocasião foram apresentados algumas perspectivas metodológicas. Era preciso pensar em uma abordagem teórico/metodológica que dialogasse com as narrativas biblioterapêuticas surgidas nos processos, como produzir dados, como

analisá-los. Até mesmo aprofundar-se em um embasamento epistemológico do saber biblioterápico mais consistente. Porque até então, nos limitávamos na argumentação de que o trabalho com a biblioterapia se desenvolvia numa perspectiva qualitativa. Um caminho imerso no campo social mediante interpretações por via das experiências do cotidiano.

Pela aproximação das ideias, o estudo da fenomenologia e dialética em um primeiro momento se mostraram próximos ao nosso entendimento de biblioterapia. No entanto, mesmo a fenomenologia rompendo com o pragmatismo científico, transportando o quantitativo para o qualitativo. E inaugurando um novo modo de fazer ciência com a compreensão de que o indivíduo em diálogo com seu existencial produz subjetividade e significação de mundo. E a dialética ao avançar, à medida que propõe desenvolver o conhecimento a partir da análise dos sistemas de relações do indivíduo/mundo. Ambas no decorrer das leituras se descortinaram limitadas. Em relação a este aspecto, Romagnoli (2009, p. 167) afirma:

Embora revolucionárias em relação às pesquisas quantitativas e experimentais, a pesquisa fenomenológica e a pesquisa-ação, fundamentadas na fenomenologia e na dialética, respectivamente, se amparam ainda no paradigma moderno que concebe o método científico como um instrumento, por excelência, de explicitação das verdades do mundo, guardadas as devidas diferenças epistemológicas.

Portanto, refutadas em nossa proposta de estudo e pesquisa. Já que o entendimento de biblioterapia, como bem atesta Ouaknin (1996) é uma terapia que tem como recurso livros (E aqui também pontuamos outras linguagens). E sendo uma terapia, requer a compreensão de um processo que não tem a pretensão de verdade como entende a ciência. Pois a biblioterapia se preocupa com as várias visões de mundo, com a interpretação que cada um fornece à história, conto ou poesia. E essa interpretação pode se modificar dependendo da situação emocional do leitor.

O que se almeja provocar na biblioterapia é uma produção de subjetividade em processo em que não se busca a verdade, nem do livro em uso (ou qualquer outro recurso), do aplicador de biblioterapia ou leitor. Mas o



quanto as ideias dessa tríade em curso se conectam e impactam o leitor e biblioterapeuta, de modo, a provocar alteridade neles. Cabe ressaltar que esta se desenvolve sob a observação de seis princípios: Catarse, Humor, Identificação, Introjeção, Projeção e Introspecção, que não ocorrem necessariamente todos em uma mesma intervenção.

Dessa forma, enquanto pesquisador de biblioterapia nos deparamos diante da complexa relação da subjetividade e a compreensão da realidade. O que diverge com a produção de conhecimento que se coloca como verdade universal. Cujo objetivo é a obtenção de previsibilidades e certezas. Vive-se um momento de ideias pós-modernas onde os objetos são analisados de forma crítica. Refutando um imaginário de compreensão binária ou disjuntiva com foco no reducionismo. No estudo da biblioterapia ou melhor, no estudo das narrativas biblioterapêuticas é necessário uma abordagem que dê a elas poder de criação. Que apresente-se como instrumento de investigação que compreenda zonas de imprecisões e coletivo de forças em diversos contextos e situações.

Nesse sentido, retomamos a ideia que ao longo de toda nossa escrita apresentamos: O da cartografia. Por este ângulo, o método cartográfico é o que inspira nosso trabalho com a biblioterapia. Diferente de outros métodos, ele não se apresenta com um modelo pré-estabelecido. Eis como se apresenta:

Assim, a cartografia social aqui descrita liga-se aos campos de conhecimento das ciências sociais e humanas e, mais que mapeamento físico, trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade. Não se refere a método como proposição de regras, procedimentos ou protocolos de pesquisa, mas, sim, como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas

de fuga, ruptura e resistência (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 47).

Por esta óptica, a biblioterapia sob o viés da cartografia registra um fenômeno via afetações a partir de paisagens, num traçado de linhas e forças. Agenciamentos coletivos que emergem da transversalização entre cartógrafo e o que é cartografado em um devir. De modo, que o vivido no/do território abra espaço para ressignificações, novos mapas. A construção de outros de nós mesmos. Nesta propositura, o papel do pesquisador em biblioterapia é fundamental. Cabe a ele acompanhar um processo. De fazer emergir o objeto de um contexto que lhe dá sustentação, que produz sua significação. Postura que requer estar atento a tudo que aflora do território-problema. Assim, o movimento de produção da pesquisa parte do encontro do pesquisador com o território a partir das sensações. Que não é “neutro, nem isento de interferências, e tampouco, é centrado nos significados atribuídos por ele” (ROMAGNOLI, 2009, p. 170).

Cabe esclarecer que ao não se estabelecer regras definidas como procedimentos metodológicos na cartografia, uma vez que a relevância é dada ao efeito do processo sobre o objeto, pesquisador, ao campo durante o caminho de pesquisa, isso não implica em uma inexistência referencial, objetivos e delineamento metodológico. Por isso, cabe apresentarmos algumas pistas que guiam o investigador no percurso de sua pesquisa. O que não deve ser entendido como linhas fechadas. Já que é um pré-requisito para a imersão na experiência o pensamento aberto para que se componha um conhecimento vivo. Longe dos descritivismos da ciência moderna.

Nesse sentido, guiados pelas ideias de Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*<sup>18</sup>, Eduardo Passos, Virgínia Kastrup, Liliana da Escóssia e Sílvia Tedesco conceberam a proposta das pistas no Brasil. Apresentadas na obra “*PISTAS DO MÉTODO DA CARTOGRAFIA: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*” de forma colaborativa com outros pesquisadores. Ao todo são dispostas oito pistas a citar:

<sup>18</sup> Conjunto de cinco obras organizada em quinze platôs. Os pensamentos dos autores avançam “o trabalho de criação de uma nova imagem do pensamento e que questiona os pressupostos

dominantes na filosofia e nas ciências humanas: avançar o trabalho de criação de uma nova imagem do pensamento e que questiona os pressupostos dominantes na filosofia e nas ciências humanas” (ABREU FILHO, 1998, p. 143).

- 1) A cartografia como método de pesquisa-intervenção.
- 2) O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo.
- 3) Cartografar é acompanhar processos.
- 4) Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia.
- 5) O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica.
- 6) Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador.
- 7) Cartografar é habitar um território existencial.
- 8) Por uma política da narratividade.

Cabe alertar que as pistas não se igualam a preceitos hierarquizados. Não tornando-se a primeira pista requisito para a segunda, e assim por diante. Como atestam os formuladores ao apontar:

O leitor pode iniciar pela pista que julgar mais conveniente ou interessante e ler as outras na sequência que lhe aprouver. Como não poderia deixar de ser, elas remetem umas às outras. Ainda como um rizoma, as pistas aqui apresentadas não formam uma totalidade, mas um conjunto de linhas em conexão e de referências, cujo objetivo é desenvolver e coletivizar a experiência do cartógrafo. (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2015, p. 14).

Ao final desta contextualização, cabe esclarecer que não foi nossa intenção neste escrito (diário de bordo) refletirmos o método cartográfico em profundidade, de modo, a apresentarmos descritivamente explicações sobre suas pistas. Aqui nos limitamos apenas em demonstrá-las, de forma a exemplificar o caminho a ser seguido numa perspectiva didática, a quem se habilitar no processo biblioterápico e de pesquisa por esta abordagem. Assim como, sugerir o método cartográfico segundo nosso olhar como aquele que mais se alinha aos processos de subjetividade que emergem nos processos interventivos relacionados à biblioterapia. Ou seja, o devir humano e foco do objeto de nossas pesquisas no tema. Aqui reiterado como objeto, as narrativas biblioterapêuticas.

Apesar disso, compreende-se que à biblioterapia pode-se fazer por caminhos plurais. Negando assim, um caminho monolítico, ortodoxo e dando o direito de outros pesquisadores enveredarem por outros

métodos. Nisso, se descortina a concepção de que a cartografia une-se a outros métodos já conhecidos nos modos de fazer biblioterapia, a exemplo da fenomenologia de Merleau Ponty (CALDIN, 2010) e a fenomenologia de Paul Ricoeur (OAUKNIN, 1996). Já que acreditamos que os métodos acima, contemplam e se constituem enquanto saída para o que nos propomos fazer e estudar na biblioterapia, na medida em que se apresentam como corpos flexíveis e escapam da reprodução, racionalização e objetivação. Aspectos do paradigma moderno ou da simplificação ainda presentes nos modos de se fazer pesquisa no contexto atual (pós-moderno).

## **6 FORMAR-SE, SER APLICADOR DE BIBLIOTERAPIA É UMA CONSTRUÇÃO SEMPRE EM MOVIMENTO - INACABADA**

Não existe uma formação específica para o aplicador de biblioterapia. E formar-se por vias da experiência na verdade é desformar-se, sair do padrão. Em nossa viagem, não houve (não há) espaço e tempo para ancoragens. Nisso, fica claro que não pertencemos nem um, nem a outro território existencial demonstrado nesta escrita. Estamos sempre em curso. Que é quando a experiência ganha corpo e o movimento se potencializa. Aqui a cartografia de nossa formação se fez e faz por vias rizomáticas. Os fios (territórios) se cruzam e fundem-se formando um todo complexo. No qual cada território se singulariza à medida que também se lançam uns aos outros. O que não faz perder de vista o horizonte pretendido. Pois o rizoma só pluraliza a forma de construir e atravessar os acontecimentos.

Nesse sentido, a perspectiva de tornar-se aplicador de biblioterapia tem como ideia fundante a concepção de continuidade processual. Mas com um começo bem delimitado em nós, iniciado a partir da obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia. Cabe reiterar que esse *continuum* apontado não parte da concepção de formação em serviço ou continuada, mas de uma formação que deve estar sempre em um devir, inconclusa, incompleta. O que conjuga-se com a ideia das intervenções e programas biblioterapêuticos. Pois em cada um deles, exige-se novas descobertas, novos desafios, novas leituras, novas necessidades.

Desse modo, ser, estar, tornar-se aplicador de biblioterapia é um interromper-se ao tempo que imediatamente se convoca a um (re)iniciar. Na busca incessante do novo, novas conexões, novos encontros. Um andar (des)focado mas sempre em diálogo com e pelo mundo. Foi este aspecto, que possibilitou a mutação de nossas linhas iniciais duras, mas hoje flexíveis. Desse modo, se fazer aplicador de biblioterapia sob o ar cartográfico é atravessar sobre uma paisagem ou várias, ao tempo que a(s) habita, articulando nessa relação, diferentes fragmentos para uma mesma cena.

Como no método cartográfico, ao longo do texto fomos apontando pistas para a composição do aplicador de biblioterapia. Pistas essas que não se fazem únicas nem se limitam. Mas acreditamos a partir de nossa experiência estarem em sintonia com o caráter

processual da investigação em biblioterapia. Dispositivos estes, que bem compreendidos darão condições de imersão em encontros, territórios, navegar por trilhas até então desabitadas. No sentido de produzir subjetividades e deles (leitores) extrair aspectos, de modo a tornarem-se em um novo local de morada. Já que em muitos casos, observamos indivíduos presos em uma palavra, frase, ideia ou fato, em crenças cristalizadas.

Com isso, as narrativas biblioterapêuticas (produção de sentido) podem ser o caminho, a biblioterapia o meio, e o aplicador de biblioterapia um grande aliado nos afetos, na potencialização do movimento. E a tríade de criador de mundos e subjetividades. “Movimento nunca acabado, nunca finalizado, movimento...” (FERNANDES, VIANA, SCARELI, 2016, p. 232).

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Clarice Fortkamp Caldin pela leitura atenta do escrito e reformulações sugeridas.

### ***CARTOGRAPHY OF A FUTURE: THE MOVEMENT TO BECOME LIBRARIAN BIBLIOTHERAPY APPLICATOR***

#### ***Abstract***

*This work describes the motion of a Bachelor's degree in library science in search of constitute Bibliotherapy applicator. In crossing are presented with different existential territories meetings, training and their relationship in this trajectory. In this way, intertwined past, future with landing in the present. Routes a mediated by the poetry, literature, memories that are narrative, maps by inventive writing. More than a narration, it constitutes an aesthetic of existence. For that, based on the Cartographic method proposed by Deleuze and Guattari (1995-1997). Thus, it is understandable that the movement become Bibliotherapy applicator never ends, remains in the middle. Not stagnant, but in the course of a process always looking forward to new discoveries.*

**Keywords:** *Inventive Writing. Bibliotherapy. Cartographic Method. Bibliotherapy applicator.*

#### **REFERÊNCIAS**

ABREU FILHO, Ovídio. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. **Mana**, Rio de Janeiro, v.4, n.2, p143-146, Out. 1998.  
Resenha de: DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e

Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995-1997. 715p.

ALICE no País das Maravilhas. Direção de Tim Burton. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2010. 1 Dvd.

- ANDRADE, Carlos Drummond de. A incapacidade de ser verdadeiro. In:\_\_\_\_\_. **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.
- ANDRADE, Laura Freire de; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Psicólogo no CRAS: Uma Cartografia dos Territórios Subjetivos. **Psicologia Ciência e Profissão**, 2010, v. 30, n. 3, p.604-619, 2010.
- BARBOSA, Marilene Lobo Abreu. **Ressignificação de uma profissão milenar: parâmetros de competência na formação do bibliotecário**. 2005. 141f. (Dissertação) – Mestrado em Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, Salvador, 2005.
- BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana. No país das maravilhas: a experiência da viagem em um jogo de múltiplas faces. **Revista Lumen et Virtus**, v. 4, n. 9, set., 2013.
- BERTHOUD, Ella; ELDERKIN, Susan. **Farmácia literária: mais de 400 livros para curar males diversos, de depressão e dor de cabeça a coração partido**. 2. ed. - Campinas, SP: Verus, 2017.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e Terapia**. 2009. 216f. (Tese) – Doutorado em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto das ideias, 2010.
- CARROLL, Lewis. **Aline no país das maravilhas**. São Paulo: Universo dos Livros, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34. 1995-1997. 715p.
- DOREA, Guga. Gilles Deleuze e Felix Guattari: heterogênes e devir. **Margem**, São Paulo, n. 16, p. 91-106, dez., 2002.
- FERNANDES, Priscila; VIANA, Gabriel; SCARELI, Giovana. O espaço sempre inacabado do tornar-se professor: a construção do meio. **Educ. foco**, Juiz de Fora, v. 21 n. 1, p. 215-236, mar. / jun. 2016.
- FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. 2. ed. Brasília: Briquet Lemos, 2007.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: ed. 34,1992.
- GULLAR, Ferreira. **A morte do livro**. Folha de São Paulo, São Paulo, domingo, 19 de março, 2006. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1903200621.htm>>. Acesso em: 9 out. 2017.
- HASSE, Margareth. **Biblioterapia como texto: análise interpretativa do processo biblioterapêutico**. 2004. 154f. (Dissertação) - Mestrado em comunicação e linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2004.
- OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.
- MARTINES, Wânia Regina Veiga; MACHADO, Ana Lúcia; COLVERO, Luciana de Almeida. A cartografia como inovação metodológica na pesquisa em saúde. **Revista Tempus Actas Saúde Coletiva**, Brasília, v.7, n.3, p. 203-211, 2013.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pista do Método da Cartografia: Pesquisa-Intervenção e Produção de Subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 25 – n. 2, p. 323-338, Maio/Ago. 2013.
- PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.38, p.45-59, jan./jun. 2013.
- ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 2, p.166-173, 2009.



SEIXAS, Cristiana. **Vivências em Biblioterapia**: práticas do cuidado através da literatura. Niterói: C. Seixas, 2013.

SILVEIRA, Marília; CASTRO, Rosana Cecchini de. Aventuras de Alice no país da clínica. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 35, p. 91-108, ago./dez. 2011.